

# BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

## SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

### APROFUNDAMENTO I

## FAMÍLIA E SOLIDARIEDADE!

*Do suor dos trabalhos de sua mão você comerá,  
será feliz e tudo lhe irá bem.*

*Sua esposa será como vinha fértil,  
no coração de sua casa;*

*e seus filhos, como galhos de oliveira,  
ao redor de sua mesa (Sl 128, 2-3).*

O Sl 128 entoia a felicidade e a bênção para a vida familiar como o núcleo de solidariedade e partilha nas aldeias de Israel. Segundo a arqueologia, a família de Israel pode ser chamada de “família ampliada” ou “grande família”. Nela, viviam aproximadamente 40-50 pessoas, compostas pelos membros de mesmo sangue ou de habitação comum: maridos, esposas, concubinas, filhos e filhas, escravos e escravas, viúvas, órfãos, hóspedes estrangeiros etc. Família, lugar de acolhida, convivência, solidariedade...

Na aldeia, o grupo de famílias forma um clã como a base da administração, aparato judicial, defesa e exploração territorial (como pastagem). E, por território comum, as aldeias vizinhas formam uma tribo, normalmente alegando descendência comum. Na tribo, as famílias e os clãs assumem e praticam a troca matrimonial, a relação de hospitalidade, a defesa, a obra comunitária (estradas, pontes), o estabelecimento de percurso de migração periódica de rebanhos etc.

Na vida da sociedade tribal e de suas aldeias, o pilar básico de agrupamento, solidariedade e convivência era, sem dúvida, a família ampliada com sua terra familiar e comunitária. Era fundamental defender a família e assegurar a permanência da terra: “Honre seu pai e sua mãe. Desse modo você prolongará a vida na terra que Javé, seu Deus, lhe dá” (Ex 20,12). Os principais meios para a defesa da família eram a instituição do levirato e a do *go’el*:

#### 1. A solidariedade familiar: o levirato e o *go’el*

*Quando irmãos habitam juntos e um deles morrer sem deixar filhos, a viúva não deve sair para casar-se com um estranho. Um cunhado dela vai se achegar a ela e tomá-la como mulher, cumprindo o dever de cunhado. O primeiro filho que nascer receberá o nome do irmão falecido, para que o nome deste não se apague em Israel (Dt 25,5-6).*

No mundo patriarcal, a herança passa pela linhagem masculina. Sem filho, a viúva perde sua casa e terra. Com a instituição do levirato, o cunhado, do latim *levir*, tem o dever de receber, por mulher, a viúva de seu irmão, para evitar a transferência dos bens da família, casa e terra, para outra tribo. A família, por ser a “peça germinal” da sociedade, deve ser preservada a todo custo. No caso da ausência de cunhado, a sociedade tribal estabelece a instituição do *go’el*:

Se um irmão seu cai na miséria e precisa vender algo de sua propriedade, o parente mais próximo dele, que tem o direito de resgate, irá até ele e resgatará aquilo que o irmão tiver vendido (Lv 25,25).

O resgatador, ou protetor, *go’el* em hebraico, é um dos irmãos ou parente mais próximos, que assume um papel importante de ajudar, proteger e resgatar a vida familiar. Além de resgatar um campo vendido em tempos de necessidade, ele resgata um irmão “escravo” que vende a si mesmo no tempo da miséria:

Seu irmão terá direito a resgate, mesmo depois de vendido. Será resgatado por um de seus irmãos, ou seu tio paterno, por seu primo, por qualquer um dos membros da sua família, ou poderá resgatar a si mesmo, se conseguir recursos para isso (Lv 25,48-49).

De acordo com o livro dos Números 35,19: “Cabe ao Vingador de sangue (*go’el*) matar o homicida”. Ou seja, o resgatador executa a sentença de morte pela vida perdida de um dos seus irmãos.

Como sendo um dos laços mais fortes na solidariedade e convivência social, a família, assim, deve estar aberta aos outros, e seus membros devem ser protegidos. O sentimento de fraternidade e solidariedade se alimenta e cresce nas pessoas do grupo familiar, compostas pelos membros de mesmo sangue ou de habitação comum: maridos, esposas, concubinas, filhos e filhas, escravos e escravas, viúvas, órfãos, estrangeiros etc. Mas, com a consolidação da monarquia, a família perde pouco a pouco seu espaço de proteção e acolhida.

#### 2. A desintegração da família

*Assim diz Javé: “Por três crimes de Israel e por quatro, não voltarei atrás. Porque vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias. Pisoteiam os fracos no chão e desviam o caminho dos pobres. Pai e filho vão à mesma jovem, profanando assim meu nome santo (Am 2,6-7).*

No tempo de Jeroboão II (783-743 a.C.), o profeta Amós denuncia e julga o que está acontecendo no reino de Israel: a injustiça social, corrupção e manipulação religiosa. Aproveitando a crise das grandes potências — Egito e Assíria —, o rei e a elite do Norte aumentam o comércio, o lucro e a mordomia. O Estado importa artigos de luxo e equipamentos militares e exporta produtos agrícolas, especialmente vinho, trigo e óleo. Os produtos importados são bem mais caros e desequilibram a balança comercial, exigindo que o Estado aumente os tributos. Muitas famílias camponesas ficam endividadas e são forçadas a vender suas filhas e suas propriedades. A família é destruída, fica sem espaço de convivência, solidariedade e acolhida! A desintegração, que atinge as famílias do Norte, se reproduz no Sul:

São vocês os inimigos do meu povo: de cima da túnica, arrancam o manto de quem vive tranquilo ao voltar da guerra. Vocês expulsam da felicidade da casa as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a dignidade que eu lhes tinha dado para sempre (2,8-9).

Após a queda da Samaria (722 a.C.), o reino de Judá se transforma em um “Estado completamente desenvolvido” com o aumento da população e da prosperidade. Porém, a riqueza beneficia somente a elite. A maioria da população enfrenta endividamento, perda da casa e da “dignidade” (herança), e crescente escravidão: a desintegração familiar e comunitária! O espaço de solidariedade decresce, e o dever do “resgatador” perde a força. Por isso, por exemplo, os profetas deste período denunciam: “Não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva nem chega até eles” (Is 1,23).

Com a consolidação do regime teocrático, ou seja, governado por sacerdotes e escribas de Judá a serviço do Império Persa, por volta de 450 a.C., as famílias fecham cada vez mais suas portas para os pobres.

### 3. O fechamento da família

*Levam embora o jumento que pertence ao órfão, e penhoram o boi que é da viúva. Eles desviam os indigentes para fora do caminho, e todos os pobres da terra têm de se esconder. Passam a noite nus por falta de roupa, não têm coberta para se proteger contra o frio. Ficam molhados com as chuvas das montanhas e se apertam entre os rochedos por falta de abrigo. Arrancam o órfão do peito materno e penhoram quem é pobre. Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus não dá importância a essa infâmia (Jó 24,3-4.7-9.12).*

Na sociedade teocrática de Judá, baseada na lei do puro e do impuro, uma pessoa é considerada justa e pura quando consegue cumprir as exigências da Lei. Caso contrário, é considerada impura e excluída da participação do Templo e da vida comunitária. O rito de purificação exige sacrifício e entrega de produtos ao Templo, e, por isso, o Deus oficial do Templo “não dá importância a essa infâmia” dos pobres sem recurso. Mais ainda, segundo a Lei, alguns grupos vivem em situação de impureza permanente — por exemplo, os estrangeiros e os deficientes (Lv 13,45-46; Esd 9,1-10,44).

O sentimento de solidariedade decresce, e a pessoa não respeita as tradições das aldeias comunitárias, como afirma Dt 10,18: “Deus faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro (migrante), dando-lhe pão e roupa”. A família se fecha cada vez mais no interesse e na honra dos membros do mesmo sangue. Nas páginas do Novo Testamento, há uma história que ilustra o fechamento do grupo familiar contra a abertura de Jesus de Nazaré ao próximo: “os parentes de Jesus foram detê-lo” (Mc 3,21).

### 4. A família aberta ao próximo e à vida comunitária

*Jesus foi para casa. E de novo a multidão se aglomerou, de modo que eles não conseguiam nem comer. Quando souberam disso, os parentes de Jesus foram detê-lo, porque diziam: “Ele ficou louco!...” Chegaram então a mãe e os irmãos de Jesus. Ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Jesus lhes respondeu: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” E olhando em volta para os que estavam sentados ao seu redor, Jesus disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Pois quem fizer vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,20-21.31.33-35).*

Os parentes julgam Jesus e dizem: “Enlouqueceu”. O julgamento deve ser causado pela prática de Jesus. Ele vive no meio dos “endemoninhados” (Mc 1,32) — doentes, pobres, forasteiros etc. —, toca o leproso (Mc 1,41), come com os pecadores

(Mc 2,15) e acolhe a mulher impura (Mc 5,25-34). O que Jesus está propondo é reincorporar os marginalizados na vida social, em vez de excluí-los pela Lei discriminatória. Devolver-lhes a alegria de viver como gente. Formar uma comunidade. Uma família do Deus da vida.

Entretanto, os parentes e familiares de Jesus tentam prender e neutralizar essa ação de Jesus, que compromete e ameaça o interesse, o nome e a vida da sua família e seu clã na sociedade judaica tradicional da Lei e no mundo mediterrâneo da cultura patriarcal de “honra e vergonha”. Para a família empobrecida pelo Império Romano e doutrinação pela lei do puro e do impuro, não há espaço para os pobres e outras categorias de impuros e marginalizados.

O dever de um membro de uma aldeia judaica é a fidelidade e a obediência ao chefe (ancião) de seu clã e a seu pai, que controla a família, seu nome e sua herança. A honra e o interesse de uma família estão em primeiro lugar e devem ser mantidos até com a morte. A organização e a tradição familiar são meios importantes de sobrevivência e, ao mesmo tempo, servem, muitas vezes, para manter o interesse do grupo familiar e o sistema do poder na sociedade judaica. Ou seja, o interesse familiar de sangue arranja e cria obstáculos à abertura ao próximo necessitado. Neste contexto, Jesus afirma em Lc 14,26: “Quem vier a mim e não deixar em segundo plano seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até sua própria vida não pode ser meu discípulo”.

### 5. “Família ampliada” nas comunidades da primeira carta de Pedro

*Sejam hospitaleiros uns com os outros, sem reclamar. Cada um de vocês coloque a serviço dos outros o dom que tiver recebido, sendo assim bons administradores das muitas formas da graça que Deus concedeu a vocês (1Pd 4,9-10).*

A primeira carta de Pedro foi destinada a várias comunidades da Ásia Menor, uma das regiões mais exploradas e controladas pelo Império Romano. Nessas comunidades havia estrangeiros, forasteiros e escravos. Nas cidades greco-romanas, os forasteiros não pertenciam ao povo nem sequer podiam ter casa no país. Eram estranhos, indesejados e não possuíam direito algum. Os estrangeiros residentes podiam ter moradia, mas também não eram bem aceitos pela população nativa e não tinham direito de cidadania: não podiam votar nem ter terra.

Nesse contexto da Ásia Menor, a hospitalidade para os forasteiros era um desafio e também um peso econômico, afinal eram pessoas pobres acolhendo outras pessoas pobres e indesejadas: uma prática de risco. Para motivar as pessoas à prática da hospitalidade, o autor da carta faz a seguinte exortação: “Acima de tudo, conservem vivo o amor mútuo, pois o amor cobre uma multidão de pecados” (1Pd 4,8). É o amor entre as pessoas que tem o poder de perdoar os pecados, de eliminar o ódio, a hipocrisia, as calúnias. Ao acolher as pessoas necessitadas e perseguidas, os cristãos formam uma “família ampliada”, lugar de acolhida, convivência, solidariedade, como na sociedade tribal de Israel e no movimento de Jesus.

Hoje, convivemos ainda com a realidade injusta e violenta como a de Amós, Miqueias, Jesus de Nazaré e os primeiros cristãos. As pessoas sem terra, casa, família ampliada se espalham pelo mundo afora... São pessoas pobres e indesejadas pela sociedade. Não podemos simplesmente nos acomodar diante dessa realidade. Os camponeses de Israel pregavam: Deus criou o universo e toda a humanidade como uma família. As comunidades cristãs cantam: “Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente”. Fica para nós o desafio: assumindo o projeto do Deus da vida, no hoje de nossa história, quais deveriam ser nossas atitudes?

## APROFUNDAMENTO II

# PROFETAS DO CENTRO E DA PERIFERIA

As grandes religiões do mundo antigo atestam que algumas pessoas serviam de intermediários entre o ser humano e a divindade. No Antigo Oriente Próximo, nos países vizinhos a Israel, há vários documentos que provam a existência de videntes e profetas servindo a seus reis. As cartas de Mári, do Eufrates, por exemplo, contêm referências a vários tipos de intermediários proféticos.

A própria Bíblia testemunha o fenômeno profético com diversos termos: adivinhos, videntes, homens de Deus e profetas. O último é o substantivo *nabi'* em hebraico, derivado do verbo *naba'*, que significa "profetizar, predizer, delirar, entrar em transe", por causa da função intermediária de interpretar, anunciar e receber a palavra e a bênção de Deus. O livro de Números, por exemplo, relata a história de Balaão, adivinho das margens do Eufrates, a quem o rei Balac, de Moab, recorre para obter maldições de Deus contra Israel, na guerra (Nm 22,2-24,25). O rei Acab também consulta os quatrocentos profetas da corte na ocasião da guerra contra a Síria pela disputa territorial de Ramot de Galaad, na Transjordânia (1Rs 22,1-12). O grupo de profetas vive e come na mesa do rei.

Em termos de profetas que vivem em grupo, aparecem já na história da unção de Saul: "Daí partiram para Gabaá, e um grupo de profetas foi ao encontro de Saul. O espírito de Deus desceu sobre ele, que entrou em transe profético no meio deles" (1Sm 10,10). Os grupos de profetas seguem aparecendo na época de Elias (1Rs 18,4) e de Eliseu: "Os filhos de profetas que havia em Jericó se aproximaram de Eliseu e disseram: 'Você sabe que Javé vai levar hoje o seu mestre por cima de sua cabeça?'" (2Rs 2,5). Os profetas em Israel persistem, como grupos ou indivíduos, até um pouco depois do tempo do Exílio.

Há muitas pesquisas sobre o fenômeno profético. Nos últimos anos, com base nos estudos da história e da sociedade, é possível indicar as três áreas em que podemos analisar e entender os profetas:

- O grupo de apoio.* Os profetas adquirem conhecimento para expressar suas mensagens, em palavras e ações, conforme a expectativa de seu grupo social de apoio. Eles se formam na "escola", mantida pelo grupo que espera de seus intermediários um determinado comportamento profético de agir e falar. Samuel e Aías, por exemplo, se formaram no santuário de Silo, "escola" mantida pelos camponeses do Norte, do Israel tribal (1Sm 1-3; 14,3).
- Localização social da profecia.* O profeta e seu grupo de apoio se situam numa determinada localização social: no centro ou na periferia da sociedade. É importante estudar a sociedade na qual cada profeta atua e a sua localização social. Amós, que não é profeta da corte, se localiza na periferia da sociedade (Am 7,15), no reinado do rei Jeroboão II, com seus sacerdotes e profetas do centro.
- Função social da profecia.* O profeta do centro expressa suas mensagens para manter a ordem social estabelecida; ao contrário, o profeta da periferia interessa-se pela mudança da ordem social. A Bíblia testemunha que Natã, profeta do centro da casa de Davi e de Salomão, pronuncia seus oráculos para manter a posição social de seus reis (1Rs 1-3). Por outro lado, o profeta Aías, com o grupo tribal dos

camponeses do Norte, simbolizado por "tendas", proclama a mudança na ordem social, contra a casa de Davi, Judá, a cidade Jerusalém: "O que é que nós temos a ver com Davi? Não temos herança com o filho de Jessé. Para as suas tendas, Israel! Agora, que Davi cuide de sua casa!" (1Rs 12,16).

Com base nessas três áreas de análise do fenômeno profético, podemos descrever Miqueias como profeta periférico, que atua entre 725-701, nos reinados de Acáz e Ezequias. Ele se forma na "escola", apoiada e mantida pelos camponeses da região da Sefelá. O próprio Miqueias chama, carinhosamente, seu "grupo de apoio" de "Meu povo", e defende a vida do seu grupo contra a elite governante: "Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão (3,3). Como profeta periférico, Miqueias pronuncia os gemidos e gritos dos camponeses para produzir mudança da ordem social" (3,9-10.12; cf. Jr 26,18).

Miqueias é um dos profetas "escritores" de Judá, que fala e age a partir das necessidades e expectativas de seu grupo de apoio. A Bíblia testemunha, na história do reino de Judá, as atuações de outros profetas escritores, seus grupos de sustentação e suas funções sociais. É importante lembrar que os livros proféticos passaram por diversas releituras e receberam acréscimos:

Primeiro Isaías (Is 1-39): ele é profeta do Templo e conselheiro de três reis, Joatã, Acáz e Ezequias (740-700 a.C.). Formado na escola de Jerusalém — a monarquia da casa de Davi —, suas palavras e ações estão orientadas pela teologia davídica: Javé, Deus absoluto e transcendente; a escolha divina de Jerusalém-Sião; a eleição divina da dinastia davídica; o rei filho de Deus e defensor dos pobres. Com essa convicção, Isaías condena a aliança com as grandes potências (Assíria e Egito), propaga o rei justo (Is 9,1-6) e critica seus "colegas elitizados" de Jerusalém por oprimirem os pobres (Is 10,1-4). Como profeta do centro, ele defende a monarquia de Jerusalém como instrumento do Senhor Javé para construir um reino do direito e da justiça (Is 1,21-26).

Sofonias: sua atuação acontece na menoridade do rei Josias (640-620 a.C.). Como profeta da periferia, suas críticas estão dirigidas à cidade de Jerusalém e seus governantes: "Ai da rebelde, da manchada, da cidade opressora! Cidade que não escutou o chamado, que não aprendeu a lição. Ela não confiou em Javé, nem se aproximou do seu Deus. Seus oficiais são leões que rugem; seus juizes são lobos à tarde, que não comeram nada desde o amanhecer; seus profetas são uns fanfarrões, mestres de traição; seus sacerdotes profanam as coisas santas e violentam a lei de Deus" (Sf 3,1-4). Em seus oráculos, Sofonias emprega palavras duras contra os profetas do centro que se interessam pela manutenção da ordem social estabelecida da monarquia.

Jeremias: originário de Anatot, um dos centros da tradição tribal dos camponeses (1Rs 2,26), exerceu sua atividade profética entre os anos 627 e 582 a.C., acompanhando os cinco reis de Judá (Josias, Joacáz, Joaquim, Joaquin e Sedecias) e o governo de Godolias. Toda a documentação, escrita pelo grupo do profeta, indica que Jeremias estava ao lado dos camponeses e agiu como profeta periférico com respeito à monarquia. Ele entrou



em conflitos com os governantes, foi torturado e condenado à morte (Jr 26,7-24; 37,15-16). Enfrentou Hananias, profeta do centro, que declarou guerra santa contra a Babilônia (Jr 28). Uma guerra desastrosa para a vida dos camponeses. Após a destruição de Jerusalém (587 a.C.), Jeremias permaneceu, em Masfa, no meio do seu grupo de apoio: “os pobres da terra”, camponeses explorados e empobrecidos (Jr 40). Masfa, antigo santuário de Israel, carrega a memória da sociedade tribal (cf. Jz 20,1; 1Sm 7,5; 10,17).

Ezequiel: formado na escola de Jerusalém, exerce sua atividade no meio dos primeiros exilados, familiares do rei Joaquin e altos oficiais, entre os anos 597 e 571 a.C. Com a necessidade e expectativa do seu grupo de apoio, o profeta Ezequiel anuncia a presença de Javé no meio dos exilados com o rei Joaquin: Javé abandona o Templo e Jerusalém, e exila-se na Babilônia. Com Javé, o profeta condena a atuação da corte do rei Sedecias como “mau pastor” (Jr 34) e acusa os pobres remanescentes na Judeia de tomarem as terras deixadas pela elite (Ez 33,23-29). Para a reconstrução de Judá, Ezequiel profetiza a restauração da monarquia com o novo Davi, um só santuário e a nova Jerusalém (Ez 37,15-28).

Segundo Isaías (Is 40-55): um grupo profético de levitas que atua no meio dos pobres despojados e escravizados na segunda deportação (587 a.C.). São descendentes de levitas, pregadores itinerantes e sacerdotes do interior, sustentados pelos camponeses, que foram trazidos à força para Jerusalém para trabalhar, como sacerdote de segunda categoria, no templo (cf. 2Rs 23,8-9). Com base em sua formação e nas expectativas dos pobres exilados na Babilônia, o segundo Isaías anuncia: 1) novo êxodo, a libertação dos escravos (Is 43,16-19); 2) Deus pastor com ternura e compaixão com seu povo (Is 40,11; 49,15-16); 3) servo sofredor, liderança baseada no amor, na gratuidade, na não violência, na justiça e, sobretudo, no maior carinho com os sofridos (Is 42,1-9); 4) Nova Aliança: a aliança entre Deus e toda a comunidade com o projeto de partilha e solidariedade (Is 55,1-3); 5) Nova Jerusalém com justiça (Is 45,8).

A Bíblia registra outros profetas, como Elias, Eliseu, Amós, Oseias e tantos outros profetas e profetisas, na história de Israel. E a profecia chega ao tempo de Jesus de Nazaré. É um homem judeu, criado no interior da Galileia, experimentando, na própria pele, a dureza da vida do seu povo, que sofria com a exploração, opressão e violência do poder civil e religioso: os impostos e a presença do exército romano, a extorsão e ladroagem dos líderes religiosos de Jerusalém (Lc 3,10-14). Fome, miséria e doenças eram males constantes, o que fez Jesus, homem justo e sensível à realidade, “profetizar” contra as autoridades da época. É o profeta da periferia da Galileia, desafiando a ordem social estabelecida: “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados” (Lc 6,20-21). Ele foi perseguido, torturado e assassinado. Ontem e hoje, o seguimento de Jesus Profeta é um desafio: “Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga” (Mc 8, 34).

Para aprofundar o tema deste encontro, leia as páginas 9-21 do livro *Defesa da família: casa e terra – Entendendo o livro de Miqueias*, editado pela PAULUS em 2016. O material deste encontro e também o livro indicado foram preparados pela equipe do Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudos que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Maiores informações pelo tel. (11) 5181-7450. E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br. Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br. Facebook: Centro Bíblico Verbo.



## FOLHETOS litúrgico-catequéticos

### Subsídios para comunidades de Fé.

Os folhetos litúrgico-catequéticos da PAULUS visam ajudar as comunidades na experiência de fé, quando se reúnem em torno da Palavra e da Eucaristia para celebrar o memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor.



**O DOMINGO** – Semanário Litúrgico-Catequético

**O DOMINGO** – Celebração da missa com crianças

**O DOMINGO** – Celebração da Palavra de Deus

paulus.com.br | 11 3789-4000 | 0800-164011 | assinaturas@paulus.com.br



**Editora:** Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** José Dias Goulart — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - Fax (11) 5579-3627 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br — **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

